

A Construção de uma Identidade Cultural de Surdos em Parceria com Pais Ouvintes

Resumo

Crianças surdas filhas de pais ouvintes enfrentam um desafio muito grande para construir uma identidade surda e uma visão da surdez que não esteja situada exclusivamente na deficiência. Ao mesmo tempo, os pais precisam elaborar a frustração, a raiva, o desapontamento, e realizar o luto do filho imaginário. Muitos pais não conseguem se comunicar e interagir com a criança, que acaba vivenciando uma espécie de marginalidade cultural dentro de sua própria família. O presente trabalho centra-se nas dificuldades enfrentadas pelos pais ouvintes, discutindo-se alguns aspectos observados no processo de construção de uma identidade cultu-

ral. Argumenta-se que os profissionais da saúde e educação envolvidos com a surdez devem estar atentos e criar estratégias para que os pais possam construir o quanto antes um ambiente familiar favorável para o desenvolvimento de seu filho surdo, que posteriormente encontrará na comunidade e cultura surda o suporte necessário para inserir-se em grupos sociais cada vez mais amplos. São relatadas três estratégias que visam facilitar a construção de uma identidade cultural de surdos de parceria com pais ouvintes: a criação de referências culturais significativas, o trabalho com grupos de pais e o suporte psicoterápico.

Palavras-chave: surdez; pais ouvintes; identidade surda.

*Psicóloga; Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS; Doutoranda em Psicologia pela UFRGS e docente do Curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul – RS. claudiabisol@aol.com

Material recebido em setembro de 2004 e selecionado em outubro de 2004.

Cláudia Bisol*

Abstract

Deaf children of hearing parents face a very big challenge in building a deaf identity and a perspective on deafness that is not solely situated in deficiency. At the same time, parents have to deal with frustration, anger, disappointment, and deal with the loss of their imaginary child. Most parents are not able to communicate and interact with the child, who then experiences a kind of cultural marginality within his/her own family. This work centers on the difficulties that hearing parents face. Some of the main cognitive, emotional, and social aspects observed in the process of constructing a cultural identity of hearing parents are discussed. It is argued that health and education professionals involved with deafness must be attentive and create strategies so that parents may build, as early as possible, a familial environment favorable to the development of their deaf child. Later the child will find in the deaf community and culture the necessary support to engage himself/herself in wider social groups. Three strategies that aim to facilitate the construction of a cultural identity of hearing parents are reported: the creation of significant cultural references, the work with groups of parents, and psychotherapy support..

Key words: deafness; hearing parents; deaf identity.

Considerações iniciais

Em Gênesis 1, 26-27, lê-se: “Então Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. (...) E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher.’” Tomando esta frase como um relato, um discurso que faz referência à questão da origem do ser humano, portanto da paternidade e da filiação, temos um indício de algo que se passa entre criador e criatura: a imagem e a semelhança. O homem não imagina a si mesmo sem referência a algo, construindo para si a referência em seu criador e, por sua vez, re-apresenta ao criador sua própria imagem. Na criatura, o criador enxerga-se não como num espelho, igual, refletido, mas enxerga seus próprios traços naquilo que ela carrega de semelhante.

O que tais considerações nos dizem sobre pais e filhos? No mínimo, que a semelhança e, por conseqüência, a diferença fazem questão. Há manifestações corriqueiras que podem ilustrar isso:

Um bebê se desenvolverá, pois, em um espaço marcado pela semelhança e pela diferença de seus pais. Essa é uma tarefa que caberá a cada um, em seu processo de individuação, e que traz consigo o trabalho simultâneo dos pais de elaborarem o estranho em seu próprio filho.

“tem o gênio do pai”, ou “tem os olhos da mãe”, ou ainda, “não sei por quem puxou, com toda esta teimosia”. Exemplos simples assim representam a tentativa de ligar a criatura ao criador, inscrevendo a criança num sistema familiar, determinando sua origem, vinculando-a ora a um, ora a outro genitor. A semelhança parece dar suporte para os vínculos afetivos frente ao estranho e desconhecido que se apresenta. Porém, em torno das diferenças teremos a possibilidade da individuação e a demarcação de zonas de conflito, que serão toleradas ou não de acordo com a forma como cada família se configura.

Um bebê se desenvolverá, pois, em um espaço marcado pela semelhança e pela diferença de seus pais. Essa é uma tarefa que caberá a cada um, em seu processo de individuação, e que traz consigo o trabalho simultâneo

dos pais de elaborarem o estranho em seu próprio filho. Do esporte preferido ao estilo de vestir, do tipo de música à escolha dos amigos, dos traços de personalidade aos comportamentos, da profissão à escolha dos parceiros e orientação sexual, diferenças concretas ancoram as perdas narcísicas causadas pela quebra das referências de identificação do filho imaginário ao filho real (MANNONI, 1985). A elaboração ou não desses conflitos vai marcar estreitamentos ou afastamentos no convívio familiar que fazem parte do desenvolvimento de qualquer ser humano.

Quando a criança é (muito) diferente

Já ao nascer, uma criança poderá apresentar uma marca constitutiva que a coloca num lugar de diferença: uma marca em seu

organismo. É possível também que uma marca orgânica de diferença apareça mais tarde, seja por uma interferência no desenvolvimento causada por doença ou acidente, ou mesmo por diagnóstico tardio. No momento em que uma marca orgânica de diferença faz-se presente, e toda vez em que é atualizada (quando uma criança é comparada com os colegas na escola, por exemplo, ou diante do olhar insistente de estranhos na rua), assistimos a uma quebra, a uma ruptura violenta da continuidade esperada entre os pais e os filhos. Ao invés desta ruptura dar-se paulatinamente, oferecendo tanto aos pais quanto à criança a possibilidade de exercitarem-se num jogo de semelhanças e diferenças, experimentando espaços de aproximação e afastamento, sem que rompam-se totalmente os vínculos, o que aparece é uma queda: a criança não consegue ocupar o lugar que os pais imaginavam que ocuparia. Meira (1996) fala de uma falha relativa à impossibilidade que os pais vivenciam de encontrarem em seu filho a realização de seus ideais.

...o nascimento de uma criança surda marca uma diferença para aqueles que são ouvintes. Isso não acontece quando um bebê nasce surdo e seus pais são surdos, pois sua constituição é semelhante à de seus pais.

Nesses termos, o nascimento de uma criança surda marca uma diferença para aqueles que são ouvintes. Isso não acontece quando um bebê nasce surdo e seus pais são surdos, pois sua constituição é semelhante à de seus pais. Vemos muitos casais surdos ficarem felizes com o nascimento de um filho surdo, o que é bastante compreensível se pensarmos que este bebê está, sim, respondendo ao bebê imaginado pelos pais. Os pais alegam-se porque este filho surdo participará facilmente de sua cultura, terá uma maneira semelhante à deles de ser, entender o mundo e comunicar-se. Por outro lado, é igualmente compreensível a dificuldade de pais ouvintes ao depararem-se com um filho surdo. Aqui, o filho passa a representar muito mais a diferença, o estranho que se concretiza e pode ser sentido como algo desconhecido e ameaçador. Não é novidade que tememos o que desconhecemos. Para ouvintes, que nunca tiveram contato com

ela, a surdez é desconhecida. Como comunicar-se com este bebê? O que ele entende, ou não entende? Que mistérios escondem-se no seu silêncio, na ausência de palavras, nas vocalizações confusas, ou nos gritos de alegria ou de tristeza? Glickman (1996) afirma que pais ouvintes que nunca tiveram acesso a um modelo de surdez enquanto diferenciam cultural e nunca conheceram surdos adultos culturalmente bem-sucedidos, ao depararem-se com a surdez de um filho enfrentam uma descoberta compreensivelmente devastadora.

No caso, pais e bebê estarão expostos a um intenso sofrimento psíquico, e justamente em um momento da vida da criança no qual é necessário muito investimento e envolvimento emocional. Para que tarefas normais relacionadas com o desenvolvimento infantil possam ocorrer a contento, a família vê-se arrastada por um turbilhão de fatos e de aflições. Frequentemente, pode-se observar:

- a) A negação da surdez: os pais insistem em que a criança responde ao ser chamada, obedece às solicitações feitas, está entendendo tudo o que se passa ao seu redor. Muitas vezes não conseguem distinguir qual a forma de comunicação que está operando e atribuem os resultados à audição. Por exemplo, chamam a criança e ao mesmo tempo gesticulam, a criança responde ao gesto e aos movimentos da boca, mas os pais atribuem sua resposta ao chamado verbal. Instaura-se um “como se”: os pais agem “como se” a criança estivesse compreendendo o que se passa ao seu redor, “como se” ela fosse ouvinte. Não conectam-se com a diferença que existe entre eles e o filho, retardando sua introdução à Língua de Sinais e comprometendo o desenvolvimento global da criança, pois ela vê-se sem a ferramenta — uma língua — que lhe permita pensar a si própria e conectar-se ao mundo que a cerca.
- b) Resistência à Língua de Sinais: inicialmente, a Língua de Sinais tende a ser vista por muitos ouvintes como um teatro, uma mímica, pois requer uma expressão corporal que expõe a pessoa ao olhar do outro e parece impossível de ser adquirida. É uma língua estrangeira a ser apreendida, decodificada, memorizada, interiorizada para comunicar-se com o próprio filho, e que a sociedade, como um todo, desconhece. Os pais precisam substituir sua própria língua materna pela língua de um grupo que é, para eles, totalmente desconhecido.
- c) Tentativas de reparação: inicia-se uma maratona em médicos e fonoaudiólogos, exames, testes, numa busca incessante por um diagnóstico melhor, por um “milagre”. O entorno familiar também torna-se fonte extra de tensão: a cobrança de parentes e vizinhos, que sempre têm algum caso semelhante para relatar e algum especialista novo e fantástico para indicar. A investigação em busca de próteses e implantes cocleares, os recursos econômicos despendidos (muitas vezes, recursos inexistentes), também somam-se nesse processo desgastante que pode durar muitos anos. A surdez é vista essencialmente como uma falha a ser corrigida ou exposta o menos possível.
- d) Crises familiares: não é incomum que este contexto desencadeie uma crise no casal parental. A maneira como cada um, pai e mãe, consegue tolerar as frustrações e pressões, associada com a necessária elaboração de um novo modo de ser pai e de ser mãe, mas com os significados inconscientes desencadeados pelo nascimento desta criança em especial, determinam a necessidade de reorganização familiar. Não é incomum a criança surda ficar “a cargo” de um dos pais, geralmente a mãe. A interação com avós, tios e primos ouvintes também costuma ser bastante reduzida.

Glickman (1996) descreve as diferenças que podem ser observadas no processo de construção da identidade surda para uma criança nascida numa família surda e outra nascida em uma família ouvinte. No primeiro caso, a surdez é inicialmente sentida pela criança como uma maneira normal de descrever a si mesma, enquanto que no segundo caso a criança acaba introjetando as noções que os ouvintes têm sobre a surdez, ou seja, noções associadas à doença, à incapacidade, à deficiência.

Portanto, o desafio que a criança surda nascida numa família ouvinte enfrenta é muito grande. Glickman (1996) sugere uma teoria para o desenvolvimento de uma identidade cultural do surdo que aponta para este proces-

Seu estruturante significado central de entrada na comunidade surda está mais que justificado, mas isto se dá na esteira das relações iniciais que a criança teve na própria família. Os pais ouvintes poderão ou não ser o suporte que a criança necessita no período mais inicial de seu desenvolvimento.

so: de culturalmente marginal — uma estrangeira em sua própria família, passando pela imersão no mundo surdo até atingir finalmente o estágio bicultural, que para o autor significa a possibilidade de desenvolver seu potencial, circulando com certo conforto tanto no mundo surdo como no ouvinte e tendo desenvolvido um sentido profundo e pessoal do que significa ser surdo. Complementando esta autora, pode-se pensar que trata-se de um processo complexo a ser experienciado ao longo do ciclo da vida, sendo que cada novo momento exigirá a elaboração e reelaboração de referenciais sociais, culturais e da própria identidade, mas dependerá do modo como foi articulado no interior das relações familiares mais primitivas.

É praticamente um consenso entre autores atuais a importância da inserção da criança surda na comunidade surda (GLICKMAN, 1996; SOLÉ, 1998; GÓES, 1999). A comunidade constitui o grupo

social que oferece possibilidades para o desenvolvimento e consolidação da linguagem, oferecendo recursos para que a criança se constitua como pessoa. Winnicott afirma que:

“O desenvolvimento emocional ocorre na criança se se provêem condições suficientemente boas, vindo o impulso para o desenvolvimento de dentro da própria criança. As forças no sentido da vida, da integração da personalidade e da independência são tremendamente fortes, e com condições suficientemente boas a criança progride; quando as condições não são suficientemente boas essas forças ficam contidas dentro da criança e de uma forma ou de outra tendem a destruí-la”. (1983: 63)

Ao mesmo tempo que oferece um suporte lingüístico, a comunidade surda funciona como suporte para uma identificação imaginária que possibilitará ao surdo

construir uma idéia de si próprio em relação aos outros surdos e aos ouvintes: “ser surdo torna-se, então, marca constitutiva da subjetividade” (SOLÉ, 1998: 23). Em relação aos pais ouvintes, o sujeito encontrava-se marcado pela diferença. Na comunidade surda, encontra acolhimento pela semelhança. Na adolescência, esse processo torna-se muito visível. É no grupo de amigos que o adolescente encontrará os referenciais culturais e sociais que permitirão que construa uma imagem positiva de si mesmo, sendo esta valorização essencial para que passe a circular ativamente na sociedade, desenvolvendo seus potenciais. Segundo Solé, “o adolescente surdo que não convive em comunidade surda, ao buscar suporte imaginário entre iguais, encontra apenas diferenças que lhe impossibilitam constituir uma identidade” (1998: 23).

Todo este processo pressupõe um período inicial no qual estão em cena os pais ouvintes e a criança. Seu estruturante significado central de entrada na comunidade surda está mais que justificado, mas isto se dá na esteira das relações iniciais que a criança teve na própria família. Os pais ouvintes poderão ou não ser o suporte que a criança necessita no período mais inicial de seu desenvolvimento.

Quando pais ouvintes sentem-se apoiados e respeitados, e quando conseguem construir novos significados para a experiência que estão vivenciando, eles tornam-se mais capazes de dar o suporte que o filho surdo necessita.

Construção de uma identidade parental

Diante do enorme desafio que enfrentam os pais ouvintes, cabe aos profissionais que trabalham com estas famílias desenvolver estratégias de ajuda e suporte, esperando contribuir para a construção de um ambiente familiar favorável e capaz de assistir à criança surda em suas necessidades. Quando pais ouvintes sentem-se apoiados e respeitados, e quando conseguem construir novos significados para a experiência que estão vivenciando, eles tornam-se mais capazes de dar o suporte que o filho surdo necessita.

Podemos pensar, então, numa via de mão dupla. Assim como a criança surda tem dificuldade em identificar-se com os pais ouvintes, também pais ouvintes têm dificuldade de identificarem-se com o próprio filho. Essa criança está na situação de ser uma estrangeira em sua família. Seus pais sentem-se estrangeiros ao entrar em contato com a comunidade

surda, têm dificuldade de aprender e partilhar elementos culturais que são para eles totalmente novos.

A seguir, vejamos alguns aspectos que podem ser observados neste processo e que dizem respeito às áreas cognitiva, emocional e social. Inicialmente, trata-se da possibilidade de construir novos conceitos e representações de mundo, ampliando o referencial cognitivo pré-existente. Nas palavras de uma mãe ouvinte em uma reunião na escola do filho surdo: “Eu achava que tinha um jeito só de viver e de falar. Quando conheci a escola e os outros surdos, aprendi que há muitos jeitos diferentes de poder falar, viver, pensar”. De fato, uma aproximação gradual e progressiva dos pais com a cultura e a comunidade surda permite que o conceito inicial de surdez enquanto deficiência possa aos poucos ser substituído. Quando os pais internalizam um conceito relacionado à diferença cultural, mais do que à deficiência, podem passar a ofere-

cer este conceito ao filho. Observa-se uma mudança na tônica das comparações, por exemplo. Ouvem-se relatos do tipo: “Agora eu vejo que ele aprende mais rápido que meu outro filho que é ouvinte”.

Há situações mais complexas, quando os pais apresentam dificuldades cognitivas e baixos níveis de escolarização. Nesses casos, observa-se pouco acesso à informação e pouca capacidade crítica, o que os torna mais vulneráveis a promessas milagrosas, ou até mais influenciáveis na hora de tomar decisões. Não é raro esses pais cederem a pressões de parentes e amigos para colocarem seus filhos em escolas regulares, para que aprendam a falar com as outras crianças, acreditando que se os colocarem com surdos a surdez vai piorar, ou a criança jamais será capaz de comunicar-se com ouvintes. Também é mais difícil para eles compreender os exames, os procedimentos adotados e os recursos disponíveis.

Tudo isso indica, pois, a necessidade de um verdadeiro trabalho de educação voltado aos pais. O ensino da Língua de Sinais é um dos aspectos a serem contemplados, talvez o mais importante, porém sozinho é uma ferramenta que não se sustenta. Um número muito grande de pais ouvintes desiste dos cursos de

Língua de Sinais e utiliza apenas sinais rudimentares, caseiros, quando os utilizam. Não chegam a compreender a importância da aquisição da língua e por isso não conseguem priorizar seu aprendizado e utilização.

Há uma crise a ser inevitavelmente vivida, porque não podemos subestimar a angústia da mãe e do pai. Há momentos, inclusive, em que ela é maior do que a do filho, pela ausência de diálogo, pela solidão que pode levar pais e mães a quadros de depressão, embora aos olhos dos outros pareçam estar suportando tudo muito bem (MANNONI, 1985). Pais que são capazes de conectarem-se com o impacto interno que a surdez do filho gera poderão reconstruir os laços com o filho real, pois enfrentarão as angústias, os medos, as culpas, o luto pelo filho concebido imaginariamente e que não nasceu. Esse filho estranho, diferente, poderá ser aos poucos conhecido. Em meio à diferença, surgirá também lugar para o que pode haver de semelhante, tornando a inscrição dessa criança possível, ou seja, tornando possível a filiação, e este movimento facilitará a inserção mais ampla na família que inclui avós, tios, primos, e que também funcionam como suporte.

Os recursos sociais disponíveis aos surdos e seus familiares variam muito de país para país e tam-

bém de região para região. A existência de escolas, sociedades, afiliações, sistemas de apoio para inserção no mercado de trabalho são suportes que promovem o reconhecimento mais rápido das possibilidades que as pessoas surdas têm de inserirem-se em meios sociais importantes. Escola, trabalho, lazer são conquistas que permitem uma vida digna. Visualizar isso para o filho é inseri-lo em possibilidades concretas de realização social.

A construção de uma identidade surda de parceria com pais ouvintes

Os processos cognitivos, emocionais e sociais anteriormente descritos podem ser facilitados ou promovidos através de ações desenvolvidas pelos profissionais da saúde e da educação. A forma como isto é feito pode variar muito, dependendo de cada contexto e do estágio de desenvolvimento social da região e do país.

Em países desenvolvidos, por exemplo, observa-se um investimento grande na criação de referências culturais que tenham sentido e relevância tanto para Surdos como para ouvintes que convivem com o universo da cultura surda. Ao encontrar elementos no universo cultural, a construção de

novos significados em torno da surdez é facilitada, pois torna-se viável recolher do social os instrumentos para lutar contra as fraturas narcísicas e oferecer ao filho possibilidades positivas e reais de identificação. As crianças precisam encontrar em seus pais significantes que as situem e, por sua vez, os pais também precisam encontrar significantes na cultura que os situem e situem seus filhos (MEIRA, 1996). Portanto, a produção cultural nesta área, através do incentivo à publicação de livros, vídeos, ambientes virtuais de aprendizagem, grupos de teatro etc., não pode ter sua importância subestimada, tendo em vista as possibilidades que oferece de situar referenciais identitários para os surdos e suas famílias.

A realização de grupos de pais ouvintes também é um recurso importante, sejam eles grupos de apoio, terapêuticos, reflexivo-informativos, ou de qualquer modalidade que se julgue adequada. Os grupos permitem a reflexão e a reconstrução de conceitos, a troca de experiências e vivências afetivas enriquecedoras. A este respeito, talvez seja ainda necessário compreender melhor os diferentes momentos pelos quais passam os pais nesse processo de construção de uma identidade de pais ouvintes. Seria importante que mais estudos fossem realizados sobre os efeitos da surdez de um filho em diferen-

tes configurações familiares, para podermos realizar intervenções mais eficazes. Sobre o assunto, MANNONI (1985) afirma que cada mãe (e também o pai) viverá em seu estilo próprio o drama real colocado pelo seu filho, o que relaciona-se com suas experiências vividas anteriormente, das quais saiu marcada de um modo determinado.

A terceira estratégia de intervenção, amplamente conhecida, é o suporte psicoterápico para os pais, ou para um destes, na modalidade que for mais conveniente ou disponível. Não são poucos os casos nos quais observamos um quadro de fragilidade psíquica em um ou ambos os progenitores, que praticamente inviabiliza qualquer suporte ao filho. São situações onde provavelmente teríamos um desenvolvimento

emocional comprometido da criança, independente da surdez ou de qualquer outra situação potencialmente fragilizadora. A surdez apresenta-se como uma marca a mais, que às vezes até serve de escudo ou anteparo para questões mais graves, passando a ser retratada como a grande vilã, a causa para todas as dificuldades demonstradas, de forma que pouco conseguimos se trabalhamos exclusivamente com a criança. Tampouco a inserção na comunidade surda mostra-se suficiente, pois falhas de estruturação psíquica provocarão situações e conflitos difíceis de resolver. Nestes casos, não é raro que o quadro que se apresenta coloque questões que estão muito além do que pode ser oferecido na escola, ou pela comunidade surda apenas.

Finalizando

Há uma obra muito conhecida de William Shakespeare, intitulada "Bem está o que bem acaba". Ao falarmos do desenvolvimento infantil, no entanto, nossa preocupação necessariamente voltará-se para o começo: para o início das relações familiares e para a inserção da criança nesse meio. Quanto mais cedo pais ou vintes puderem iniciar o processo de elaboração de suas angústias, o seu luto e a ressignificação do filho surdo, mais cedo oferecerão à sua criança condições que ela necessita para desenvolver-se bem. E quanto antes os profissionais da saúde e da educação puderem oferecer a tais pais o suporte que eles necessitam, mais chances estaremos oferecendo a essas famílias. Ao falarmos de seres humanos, temos que dizer que então, provavelmente, "bem estará o que bem começar".

Referências Bibliográficas

GLICKMAN, N.S. The development of culturally deaf identities. In: GLICKMAN, N.S.; HARVEY, M.A. (Eds). **Culturally affirmative psychotherapy with deaf persons**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1999.

MANNONI, M.. **A criança retardada e a mãe**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

MEIRA, A.M.G. Quando o ideal falha. **Escritos da Criança**, Centro Lydia Coriat de Porto Alegre., 4, p. 67-69, 1996.

SOLÉ, M.C.P. A surdez enquanto marca constitutiva. Espaço: Informativo Técnico-Científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos, 8, p. 17-23, 1998.

WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.